

violência, crueldade e desigualdade social na literatura brasileira contemporânea:

de gados e homens,

de ana paula maia,

e o matador,

de patrícia melo

Jéssica Casarin*

Resumo

Desde o período colonial, a violência é constitutiva da cultura brasileira, sendo atrelada à sociedade sob diferentes formas. Diante disso, entende-se que a literatura pode ser uma ferramenta importante para a reflexão acerca dessa realidade, na medida em que reflete contextos de sofrimento e pode problematizá-los. Este artigo objetiva analisar os romances contemporâneos *O matador*, de Patrícia Melo (1995), e *De gados e homens*, de Ana Paula Maia (2013), buscando compreender como a crueldade e a desigualdade social são abordadas na constituição das narrativas, bem como a ocorrência de uma construção formal articulada ao conteúdo social representado. Para este fim, os

* Mestranda em Letras - Literatura Comparada na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Campus de Frederico Westphalen. Participou, como bolsista de iniciação científica, do Projeto de Pesquisa "Narrativas da violência na cultura brasileira contemporânea: literatura, cinema e televisão", fomentado pela FAPERGS e orientado pela Prof^a. Dr^a. Luana Teixeira Porto. Atualmente desenvolve pesquisas sobre Literatura contemporânea e violência.

Artigo recebido em 07/09/2017 e aceito para publicação em 20/12/2017.

trabalhos teórico-críticos de autores como Calegari, Ginzburg, Adorno e Arendt foram importantes para abordar a literatura contemporânea, a violência e sua relação. Com base na análise, verifica-se que as obras são relevantes para problematizar situações reais de violência, revelando uma face cruel, desigual e egoísta dos sujeitos, relacionados não só à figura do assassino, mas também a toda sociedade responsável pela formação da conduta humana. Isso se reflete também na linguagem, em que se revela uma escrita ora fragmentada entre fala de personagem e pensamentos, como no primeiro texto, ora rápida e relacionada com narrativas cinematográficas, como no segundo.

Palavras-chave

Literatura brasileira; Violência; Ana Paula Maia; Patrícia Melo

Violence, cruelty and social inequality in Contemporary Brazilian literature: *De gados e homens*, Ana Paula Maia, and *O matador*, Patrícia Melo

Abstract

Since the colonial period, violence is constitutive of Brazilian culture, being linked to society in different forms. Therefore, it is understood that literature can be an important tool for reflection on this reality, insofar as it reflects contexts of suffering and can problematize them. This study aims to analyze the contemporary novels *O matador*, by Patrícia Melo (1995), and *De gados e homens*, by Ana Paula Maia (2013). It seeks to understand how cruelty and social inequality are approached in the constitution of narratives, as well as the occurrence of a formal construction articulated to the social content represented. For this work, the theoretical-critical works of authors like Calegari, Ginzburg, Adorno and Arendt were important to approach contemporary literature, violence and their

relationship. Based on the analysis, the works are relevant to problematize real situations of violence, revealing a cruel, unequal and selfish face of the subjects, related not only to the figure of the murderer, but also to the society responsible for the formation of human conduct. Also, this is reflected in the language, which reveals sometimes fragmented writing between character speech and thoughts, just as in the first text, other times fast and related to cinematographic narratives, as in the second.

Keywords

Brazilian literature; Violence; Ana Paula Maia; Patrícia Melo

Introdução

Tendo em vista os novos contornos temáticos e estéticos adquiridos no romance na contemporaneidade, destaca-se a tendência de narrativas literárias brasileiras contemporâneas em problematizar questões sociais, representando e questionando, assim, a realidade do país. É nesse contexto de produção que a temática da violência e da desigualdade social se tornam tônicas de uma literatura voltada para a denúncia de mazelas tão recorrentes no contexto nacional. Tal traço é percebido em *De gados e homens*, de Ana Paula Maia, publicado em 2013, e *O matador*, de Patrícia Melo, publicado em 1995, obras que se relacionam pela temática da brutalidade representada em contexto brasileiro, que são protagonizadas por personagens expostos a situações opressoras que moldam suas condutas.

Para problematizar tais questões de cunho social, examinam-se esses dois romances, buscando compreender como a crueldade e a desigualdade social são abordadas na constituição das narrativas, bem como a ocorrência de uma construção formal articulada ao conteúdo social representado. Também se objetiva verificar a configuração

dos discursos do protagonista e do narrador dos textos, no que tange à violência sofrida e praticada pelos personagens, e compará-los a fim de refletir sobre a possibilidade de problematização de circunstâncias reais de violência a partir da leitura dos textos literários.

Como forma de registrar os resultados deste estudo, o artigo está dividido em três seções: a primeira aborda traços da literatura brasileira contemporânea, enquanto a segunda contextualiza a presença da temática da violência na produção literária e a forma como ela é transportada para a literatura pela voz narrativa e pela estrutura do texto; a terceira expõe a leitura dos dois romances eleitos para análise.

A literatura brasileira contemporânea

Segundo Schollhammer (2009), a literatura contemporânea tem início por volta das décadas de 1960 e 1970, quando se demarcam os primeiros indícios de uma prosa urbana arraigada na realidade social, novos contornos que parecem destacar a consciência da virada de século. Salienta-se que tal tendência perdura até o período recente, unindo-se a ela uma série de características que parecem representar perspectivas do que é produzido.

Diante disso, o autor ainda expõe que são perceptíveis, nesse período, traços que demarcam um discurso fragmentado e híbrido nos textos literários, que representa a complexidade e reinvenção existente na contemporaneidade, especialmente no que tange à sociedade brasileira. Isso se deve ao fato de que a tal escritura se “coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria.” (SCHOLLHAMER, 2009, p. 14).

Assim, percebe-se que não há apenas a tendência de utilizar o realismo para refletir a sociedade, mas

também para evidenciar suas injustiças e deficiências. A presença de recursos estéticos que exploram essa fragilidade e necessidade de denúncia é recorrente, refletindo a ruptura e angústia presentes nesta sociedade. Alguns deles são: o uso das formas breves, a adaptação de uma linguagem curta e fragmentária, a aproximação com a crônica e, somando-se a isso, o hibridismo crescente entre a escrita literária e não-literária, além da preferência pela brutalidade do realismo marginal.

Melo (2010) aponta outra característica muito evidente nesse cenário, que é a experimentação. Segundo a autora, com o fim do período ditatorial e a (re)democratização política, houve aberturas, também, na literatura, que possibilitaram ao escritor maior liberdade de criação, passando a utilizar recursos formais e temáticos que transpõem limites estabelecidos. Dessa forma, a hibridização de gêneros, o uso da metalinguagem, a atenção à diversidade urbana e regional e o foco sobre temáticas que não costumavam ser abordadas apontam, novamente, para a necessidade de ruptura e fragmentação diante da realidade brutal vivenciada.

Com tantos recursos, então, é notável a preferência de grande parte dos escritores por uma literatura que busque impactar a sociedade e refleti-la a partir de artifícios narrativos. É nesse cenário que a temática da violência aparece como uma constante, representada em diferentes formatos como forma de causar comoção no leitor para a crueldade existente nas relações sociais.

A temática da violência e a forma de narração na literatura

Em um artigo sobre ética e violência, Chauí (1998) expõe algumas definições de violência, que revelam especialmente o uso da força contra algum ser, qualquer ato contra a espontaneidade, vontade ou liberdade de alguém, violação ou transgressão de algo valorizado

e considerado justo pela sociedade. Esse conceito se opõe à ética, já que

trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano e sim como coisa, fazendo-lhe violência [...]. (CHAUI, 1998, p. 01).

Nesse sentido, evidencia-se que tais práticas se configuram como atos de desumanização, expondo sujeitos a situações de opressão e brutalidade. Diferentemente do mito que é recorrente no Brasil, o da não violência, que é, de acordo com a autora, a crença da imagem de um povo generoso, alegre, sensual, solidário que desconhece o racismo e que respeita as diferenças étnicas, religiosas, sexuais e políticas, o que se percebe na contemporaneidade é o inverso: situações de brutalidade e marginalização que afetam todas as camadas da população.

Além disso, entende-se que a brutalidade vista na contemporaneidade pode ser um reflexo do processo de formação do Brasil. Na perspectiva de Ginzburg (1999), a violência é um elemento constitutivo da cultura brasileira, uma vez que a história do país, em sua totalidade, pode ser contada através de momentos de repressão e exploração, desde sua colonização, passando por períodos de autoritarismo, até a contemporaneidade, em que práticas de crueldade são abordadas de maneira velada, mas ainda assim existente.

Diante disso, urge a necessidade de questionar tais aspectos da contemporaneidade, promovendo discussões sobre a violência sob diferentes máscaras, refletindo sobre textos que desmistificam a visão de um

povo pacífico e revelam a crueldade humana como uma forma de denúncia social. Dessa maneira, sabendo da importância da literatura como forma de humanização e discussão, é inegável seu papel na exposição das inúmeras formas de crueldade já praticadas, revelando indícios presentes de uma experiência de um passado violento e autoritário.

Ao se pensar sobre a produção literária em contextos autoritários e situações de crueldade, verificam-se algumas tendências importantes. Dentre estas, uma tendência muito relevante citada por Calegari (2011, p. 167): “a presença do caos define e modela a linguagem”. Não é apenas na temática que a dor e a brutalidade podem ser representadas, textos que expressam conflitos também os representam através de recursos formais, já que não se pode narrar uma situação traumática de forma linear, o que criaria a falsa sensação de harmonia social.

Ginzburg (1999) reitera tal visão, alegando que uma série de dificuldades histórico-sociais atingiu profundamente o sujeito, de forma que o uso dos modos convencionais de narrar seria incapaz de acompanhar a singularidade e dificuldade de uma situação traumática. Partindo desse pressuposto, aponta-se a validade de uso de formas não convencionais de escritura. Nota-se, então, a tendência contemporânea de usar formas não lineares de narrar. Exemplos dessa fragmentação são assinalados por Ginzburg (1999, p. 131):

Em favor de uma concepção fragmentária, com a subversão das referências de tempo e espaço, a adoção de verso livre, a representação de uma subjetividade frágil, inconstante e frequentemente paradoxal, [...] a consolidação de gêneros híbridos [...]. Os moldes tradicionais de entendimento da linguagem são postos em questão.

É na literatura contemporânea, também, que outras

características inovadoras surgem, modificando as estruturas convencionais, de forma a denunciar determinados padrões. Um exemplo disso é a figura do narrador que, na contemporaneidade, sofre alterações. Se no passado, mesmo que recente, ele era representado predominantemente por homens brancos, de classe média ou alta, heterossexuais e de religião socialmente legitimada, na contemporaneidade esse quadro é alterado. Segundo Ginzburg (2012), ocorre um afastamento dos moldes tradicionais de narrar, atribuindo voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados, com uma narração voltada contra a exclusão social, política e econômica.

Somada a isso, outra forma que ganha espaço na literatura contemporânea é o discurso narrado em primeira pessoa. Segundo Calegari (2009), um texto com narrador centrado no princípio da objetividade, alheio ao sofrimento ou situação de violência não teria o mesmo alcance de subjetividade e impacto quando comparado a uma obra em que a situação é descrita por quem sofre ou pratica um ato cruel. Isto porque, “por estar em meio a uma sociedade assinalada pela violência, a vida mental do indivíduo está sujeita à desordem” (CALEGARI, 2009, p. 8), atribuindo à narrativa um tom subjetivo que pode promover sentimentos diferentes, como compaixão, empatia, raiva, temor, etc. De qualquer maneira, esse narrar intenso de quem vive essas situações deve causar impacto e chocar o interlocutor durante a leitura.

Ainda sobre a figura do narrador, é importante salientar que é ele quem vai delimitar de que maneira, em que circunstância e sob que ponto de vista contará a história para o leitor. Assim, Barthes (2013) sugere três possibilidades para o “doador” da narrativa: a primeira, em que se acredita que a narrativa é proferida por uma pessoa, com nome e carga psicológica, podendo ser vista como o autor; a segunda, que confere ao narrador um caráter superior, dotado de uma espécie de consciência total do que se passa, sendo, ao mesmo tempo, exterior e interior dos personagens; e a terceira, que preconiza que o

narrador deve limitar sua narrativa ao que pode observar, ocorrendo, assim, a troca de narrador no momento em que se troca o ponto de vista do personagem.

Considerando as possibilidades que a figura do narrador dispõe no romance contemporâneo, percebe-se a necessidade de aprofundar as concepções acerca deste aspecto, verificando a validade do tipo de narração. Sobre a narração literária, então, é interessante explorar o conceito de Benjamin (1994, p. 205), que acredita que “A narrativa não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” Nota-se, assim, a liberdade dada à figura do narrador, que não deve buscar narrar os fatos puramente, mas fazer uso de artifícios que contribuam tanto para a narrativa quanto para o exercício reflexivo do leitor.

É nessa possibilidade de problematizar e causar reflexão que se recorre a Adorno (1983) ao afirmar que, no romance contemporâneo, o narrador é provido de uma pretensão ideológica e subjetividade, que permite que este se posicione, tome partido a favor ou contra determinado personagem. O autor expõe que, no estado atual do mundo, até uma atitude contemplativa é reflexo de uma pretensão ideológica que é passível de reflexão e precisa ser considerada na análise de um texto.

Ainda pensando no narrador, outro aspecto relevante é a escolha da distância estética entre o que é narrado e o leitor. Se no romance tradicional a distância era fixa, agora “ela varia como as posições da câmara no cinema: o leitor é ora deixado do lado de fora, ora guiado pelo comentário até o palco, os bastidores e a casa de máquinas.” (ADORNO, 1983, p. 03). Tal caráter de mudança de foco também contribui para a visão de recursos estéticos relacionados ao conteúdo, já que a possibilidade de mudança de foco permite maior tensão, esclarecimento ou confusão, dependendo das pretensões do texto.

A partir dessas considerações, entende-se que o narrador é outro aspecto formal que segue a pretensão temática do texto: diante de uma narrativa que trate de violência, deve-se questionar o narrador que se mantém apático e distante. Da mesma maneira, é válida a existência de um narrador que não segue padrões éticos, dependendo do contexto da narrativa e das situações a que os personagens são expostos, como um sujeito que precisa entrar no mundo do crime para sobreviver.

Essa série de recursos estéticos citados, de diferentes maneiras, é visualizada nas narrativas analisadas, que refletem a necessidade de mudança de perspectivas temáticas e formais quando são tratadas questões sociais. Por fim, cita-se Benjamin (1994, p. 213), que afirma que o romance, apesar de não poder continuar depois da última página, “convida o leitor a refletir sobre o sentido de uma vida”. Para além, reflete-se sobre o comportamento dos sujeitos, sobre a sociedade contemporânea e sua desigualdade e violência, propiciando a problematização e reflexão sobre o que deve ser questionado na realidade brasileira.

É com base nos conceitos expostos que se parte para a análise dos romances *De gados e homens*, de Ana Paula Maia, e *O matador*, de Patrícia Melo, verificando em que medida tais narrativas refletem a violência na sociedade urbana, que recursos estéticos são usados para isso, bem como a maneira pela qual se configuram os discursos do narrador e do protagonista em relação à violência a que este é exposto.

***De gados e homens*, de Ana Paula Maia, e *O matador*, de Patrícia Melo: uma análise**

Ambos os textos escolhidos para este estudo se coadunam com a análise de que um dos traços constitutivos da literatura contemporânea é a reflexão sobre questões sociais. Através de uma série de recursos formais e temáticos, os textos *O matador* (1995) e *De gados e*

homens (2013) representam realidades do país que se mostram passíveis de críticas especialmente pela crueldade e desigualdade social presentes nas narrativas.

Antes de partir para a análise das obras, é interessante pensar sobre as autoras dos textos bem como suas características de escritura. A primeira delas é Ana Paula Maia, uma mulher negra, nascida em 1977, em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, região do estado do Rio de Janeiro. Ela já possui seu espaço na crítica literária, sendo reconhecida por suas narrativas pungentes, que revelam como a crueldade presente na sociedade molda a conduta humana. Segundo Garbero (2015, p. 4):

Organicamente, o violento constitui suas personagens e seus cenários [de Ana Paula Maia], apagando quaisquer relações que não sejam fortemente tensionadas pelo medo e, claro, pela crueldade. Seu mundo é cão, e dele ninguém sai sem levar uma boa mordida [...] Seus bastardos não têm sequer espacialidades de exílio, não há inscrições gueto: eles estão entre nós, sendo uma reprodução especular – em sua melhor distorção – de nossa rasura violenta.

Assim, destaca-se que a narrativa de Ana Paula Maia expõe a brutalidade envolvida nas relações humanas com sujeitos não necessariamente marginais, mas pessoas inseridas na sociedade, e que, de alguma maneira, têm sua postura moldada pelas vivências e explorações sofridas.

A segunda é Patrícia Melo, escritora branca, nascida em 1962, em Assis, São Paulo, e conhecida por seus livros dedicados a analisar a mente de criminosos. É interessante apontar o destaque dado à autora por Faraco (1998), que define sua escrita como uma forma crítica e impiedosa de tratar da violência urbana. Aliam-se a isso suas particularidades, como a aproximação de seus textos com o roteiro televisivo, com recurso de cortes, ritmo acelerado e fusões estonteantes. Além disso,

Tem chamado a atenção também, no seu processo narrativo, a mistura, num mesmo período, de diálogos diretos, de descrições, de construções em discurso indireto, de falas interiores, de recortes das linguagens da publicidade, do cinema e da televisão — mistura que se justifica talvez pelo fato de todos os seus textos até agora serem narrados em primeira pessoa: uma voz que absorve e faz ressoar em seu discurso as muitas vozes alheias com que interage. (FARACO, 1998, p. 24).

Assim, fica evidente que o estilo estético de Patrícia Melo é representativo da literatura brasileira contemporânea no que tange à hibridização e à expressividade do discurso literário. Além disso, seus recursos também apontam para a narração da violência a partir da fragmentação, ruptura e busca por causar impacto no leitor.

Entende-se que ambas as autoras têm forte apelo para questões sociais, abordando-as de maneiras distintas. Para verificar de que maneira se aproximam e se distanciam, a análise das obras será balizada de acordo com os objetivos propostos. Inicialmente, discute-se a temática de cada narrativa, após a posição do narrador e personagem principal, bem como sua relação com a reflexão sobre violência, e por fim os demais recursos literários utilizados e sua importância para a discussão social.

A primeira obra é *O matador*, um romance de 240 páginas que expõe de forma cruel sua temática, a violência e a desigualdade social, na medida em que expõe um sujeito que encontra na criminalidade sua única forma de ascensão em meio a uma sociedade com poucas oportunidades. Por outra perspectiva, explora-se a figura do assassino, que passa a matar com frieza e sem remorso, evidenciando o individualismo e o desprezo pelo próximo, características que acometem a sociedade contemporânea.

O texto retrata a história de Máiquel, morador de periferia de São Paulo, que encontra uma única chance para mudar de vida, tornar-se um matador. Após ter cometido um assassinato por um motivo banal, o personagem não recebe a repressão que esperava. Como a vítima era um bandido, passa a ser visto como um herói pela comunidade e até pela polícia, recebendo presentes e cumprimentos. É nesse cenário que surge Dr. Carvalho, um dentista que ajuda Máiquel a curar sua dor de dente em troca de um serviço: matar o homem que estuprou sua filha.

É perceptível, no discurso do protagonista, a vontade de ter uma vida diferente, de construir uma família e ter uma forma digna de subsistência:

Levei minha futura esposa embora e voltei correndo para casa, Érica precisava saber das novidades o mais rápido possível. Não queria que ela se sentisse desprotegida, afinal, nada mudaria, pelo menos eu queria acreditar que nada mudaria. Cledir teve que concordar. Haveria um quarto só para Érica na nossa casa, um quarto que eu mesmo construiria, com uma cama confortável, cheia de almofadas. Érica poderia estudar se quisesse. (MELO, 2009, p. 59).

Assim, apesar da frieza para cometer assassinatos, Máiquel é um sujeito que se preocupa com sua família e com o conforto dela, talvez como forma de mudar um passado de pobreza e limitações. Tal desejo de melhorar sua vida permanece durante toda a narrativa, criando no leitor uma comoção sobre a condição do personagem que encontra no crime sua única oportunidade de crescer.

Outro momento em que é possível inferir a interferência da sociedade na formação da conduta do indivíduo é após o segundo assassinato, quando o protagonista se sente culpado e decide dar, por mês, uma parte do seu salário para a mãe da vítima, declarando a esta no

cemitério: “Eu te matei, Ezequiel, não foi por maldade, eu até te achava um cara legal, eu te matei por que o mundo é muito ruim e a maldade do mundo esmaga o coração do homem, foi isso que aconteceu comigo.” (MELO, 2009, p. 88). Neste fragmento, fica claro que a conduta de Máiquel foi moldada pelo meio; apenas pela prática de atos ilícitos ele encontra uma oportunidade de conseguir o dinheiro de que precisava.

Porém, no decorrer do livro, a postura do personagem se modifica: ao ter um amigo assassinado por causa de um crime cometido, Máiquel se torna uma pessoa fria, que não demonstra mais nenhum remorso pelos seus atos:

Mas eu não acreditava mais em Deus. Eu acreditava em úlceras. Eu vou te matar, seu filho da puta, eu vou te matar porque, a partir de agora, eu sou o matador. Eu sou a grade, o cachorro, o muro, o caco de vidro afiado. Eu sou o arame farpado, a porta blindada. Eu sou o matador. Bang. Bang. Bang. (MELO, 2009, p. 109).

Ao se comparar com tantas formas de segurança, Máiquel se autoafirma como um justiceiro, aquele que garante a paz e a proteção dos que o cercam. Esse momento é crucial, já que o personagem se desprende de sua consciência e passa a matar de forma cruel e sem culpa, treina sua mira, contrata ajudantes e abre uma empresa de serviços de segurança e vigilância patrimonial, ganhando inclusive o título de Cidadão do ano. Porém, logo as mentiras vêm à tona e, quando a violência do personagem começa a afetar seus aliados, percebe que não possui aliados.

Assim como veio, o sucesso de Máiquel se foi. Ao fim da narrativa, o protagonista se torna um fugitivo da polícia, acusado de todos os crimes que cometeu: “Eu não queria saber de nada do que estava acontecendo, queria deixar tudo para trás, ir em frente até encontrar um buraco e me meter nele, no buraco, me esconder, no buraco, até o frio acabar, até chegar a hora de sair.”

(MELO, 2009, p. 239). Fica claro, então, que o personagem volta para o lugar onde começou, numa condição de segregação, exclusão e preconceito, sem perspectivas de futuro, e que a violência que um dia foi sua glória agora o atinge também.

Outro aspecto interessante é a volatilidade das relações humanas, que são movidas por interesses individuais e que, quando não são mais necessárias, revelam o egoísmo subjacente à realidade, o qual representa uma forma de violência indireta, expressa pela trapaça e desonestidade. Assim, fica evidente que essa narrativa expõe uma realidade social cruel, especialmente em contextos periféricos. A busca por melhores condições de vida é uma corrida desigual e difícil, e muitos acabam suscetíveis ao mundo do crime, dos atos ilícitos como forma de ascensão rápida, tornando-se sujeitos cruéis e desumanos com relação a suas vítimas.

Dada a intensidade com que tais temas são discutidos, é evidente que a estética da obra segue o mesmo caminho: uma série de recursos estilísticos é usada para reiterar a brutalidade na narrativa. Entre eles, destaca-se o uso da narração em primeira pessoa pelo protagonista Máiquel. Como destacado por Calegari (2009), esse tipo de narração confere ao texto maior validade porque reflete a maneira de pensar do violentador que também é vítima, expondo seus anseios, medos, desejos e sonhos, provocando no leitor maior impacto.

Especialmente no caso dessa narrativa, tal recurso estético se justifica na medida em que é importante que o leitor identifique a dualidade de sentimentos do narrador personagem: é um sujeito cruel, violento e egoísta, já que mata friamente pelo retorno financeiro; por outro lado, é um homem suscetível ao meio, que vem de periferia e luta constantemente por oportunidades de ascensão em sua vida.

Assim, a narração em primeira pessoa possibilita uma forma de narrar que parte da subjetividade de um sujeito confuso e constantemente exposto à crueldade que molda sua conduta, o que gera impacto no leitor. Cabe ressaltar, diante disso, a concepção de Barthes (2012), que considera a relação entre o eu (narrador) e o tu (leitor) como um trajeto não homogêneo, em que a recepção do leitor sobre o que é lido é sempre inédita, dependendo da subjetividade de cada um. Isso revela a pluralidade de sentidos que o texto pode conter, o que se intensifica quando o narrador se mostra fragilizado, o que torna a narrativa um instrumento de reflexão, possibilitando a sensibilização do leitor.

Além disso, outros recursos literários utilizados pela autora que fomentam a visão da marginalidade correspondem a traços formais. Como já salientado por Ginzburg (1999), a estética também ampara a construção de uma experiência traumática, já que uma narrativa linear pode não refletir a complexidade do sujeito que sofre. Assim, verifica-se a presença de uma escrita não linear e que se diferencia da norma culta por não possuir marcas de fala de personagens; pensamentos e diálogos se confundem, reiterando a visão de um sujeito confuso, que está constantemente lutando entre o “pensar”, o “ser” e o “agir”. Além disso, é interessante observar que cada capítulo tem início após algum estímulo externo (anúncio, propaganda, comentário de outrem, sonho etc.), o que pode significar a constante influência da mídia e da sociedade na construção do sujeito e na busca por tentar encontrar seu lugar nela. Embora o trauma de Máiquel não tenha sido explícito ou físico, entende-se que, ao iniciar-se no mundo do crime, ele passa a ser alguém atormentado pelas vivências e pelos crimes que cometeu, narrando o romance de forma confusa e fragmentada.

Observando tais recursos literários estéticos e temáticos, percebe-se que a obra se presta bem à reflexão sobre a sociedade e a violência que nela campeia, assim

como ao questionamento sobre práticas de crueldade que são socialmente aceitas. Seguindo essa linha de raciocínio, a narrativa pode ser vista como um instrumento de denúncia e resistência a essa brutalidade, configurando-se como uma obra que ultrapassa o plano da simples referência a dados da realidade empírica para compor um cenário artístico comprometido com a superação de conflitos sociais.

A segunda obra analisada é *De gados e homens*. A narrativa explora a temática da violência e da desigualdade sob a perspectiva de um sujeito que vive à margem, sem poder consumir o que produz. A crueldade se evidencia na figura do protagonista que, convivendo com a morte e cercado de animais, acaba perdendo sua consciência e seu discernimento, cometendo crimes por motivos banais, comparando homens a animais.

O romance trata da história de Edgar Wilson, um sujeito que trabalha como abatedor de gado em um matadouro. Ele é muito bom em seu trabalho e se orgulha disso, estabelecendo um ritual de trabalho que abrandava o sofrimento do animal: fazer o sinal da cruz com cal na frente da vítima, acertando sua marreta com precisão. Porém, conviver com a morte afeta o homem, que passa a não distinguir o que é certo do que é errado, matando friamente pessoas que entram em seu caminho.

É perceptível, então, que, num cenário fúnebre como seu local de trabalho, o protagonista convive com a morte, fato que pode relacionar-se com a falta de sentimentos com que o fim da vida humana é explorado em toda a narrativa. Porém, um aspecto é crucial para o personagem: a diferença entre matar um humano e um animal.

Na perspectiva de Edgar Wilson, a morte animal deve ser bem trabalhada, de uma maneira precisa que não faça o animal sofrer, por isso não deseja que ninguém mais realize seu trabalho, sabendo que é o único que se

preocupa com isso. Este é o motivo do primeiro assassinato do protagonista, que vê seu colega Zeca matando um animal de forma cruel propositalmente:

Edgar Wilson entra no banheiro do alojamento. Espera que reste apenas o Zeca no banho. Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a fronte do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. [...] seu trabalho é limpo. No fundo do rio, com restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca. [...] Cumprido o seu dever, ele vai para a cozinha do alojamento e frita os hambúrgueres. (MAIA, 2013, p. 21).

Fica clara, nesse fragmento, a frieza que o protagonista tem ao matar um humano, que, comparado com um animal, é atirado ao rio junto com os outros detritos. Apesar disso, para Edgar, ele cumpriu seu dever, assassinando um sujeito que não tinha pena dos animais que abatia. Isso revela como é afetado por seu trabalho no matadouro, o que manifesta uma conduta de brutalidade e falta de consciência.

Ainda sobre o personagem, é interessante destacar sua condição financeira. Apesar de executar o trabalho de forma competente, não recebe um bom salário, o que ressalta sua falta de perspectivas, fadado a continuar na função de atordoador:

Edgar Wilson nunca comeu um hambúrguer, mas sabe que a carne é moída, prensada e achatada em formato de disco. [...] O preço do hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. (MAIA, 2013, p.13).

Isso é reiterado ao final da narrativa, em que uma nova fábrica de hambúrguer será aberta e Edgar sente-se feliz em partir para o novo emprego e exercer o trabalho

que sempre desejou: abatedor de porcos. Assim, o ciclo de morte continua, já que, enquanto houver alguém disposto a comer carne, haverá alguém que precisará abater os animais. O final da narrativa revela uma reflexão que parte da figura de Edgar, mas se estende a toda a sociedade, questionando até que ponto apenas o que suja as mãos de sangue é responsável pela morte.

Assim, entende-se que a narrativa é extremamente inquietante, pois explora a humanização do animal, mais equilibrado e dotado de sentimentos, de acordo com o protagonista, e que se contrapõe com a animalização do homem, que mostra sua face brutal e desumana, matando por motivos banais sem remorso ou consciência. É revelada, então, a reflexão sobre uma sociedade que está totalmente suja de sangue e envolta pela violência, seja ela direta ou indireta.

Os recursos formais refletem a tensão da narrativa. Inicialmente, ressalta-se que a história é narrada em terceira pessoa, com um narrador observador que relata com frieza e agilidade as ações dos personagens. Apesar da aparente distância, não se furta a emitir seus juízos de valor indiretos e irônicos:

Seu Milo costuma ir à missa com a família logo pela manhã, mesmo tendo bebido, jogado e se deitado com prostitutas na véspera. Mas se considera um bom homem e nunca foi confrontado por suas atitudes. Acredita que a hóstia o limpa de toda impureza e o redime de toda imperfeição. (MAIA, 2013, p.76).

Nota-se que o narrador tem um papel importante na crítica de defeitos e más condutas que acometem a sociedade. Apesar de ser direcionada a um personagem, a narrativa representa toda a sociedade, sendo importante denunciar aspectos da moral tradicional que precisam ser questionados e repensados.

Outro recurso estético interessante é a aproximação do texto com narrativas cinematográficas, que cria intertextos com a construção de filmes de faroeste. Nomes compostos e marcantes (Edgar Wilson, Bronco Gil, Erasmo Wagner), o cenário deserto e infértil, as fazendas de gado, o sangue e a violência brutal, além da narrativa rápida, que expõe apenas ações, sem a intervenção de personagens são características que trazem à obra uma espécie de hibridismo com a narrativa cinematográfica, fornecendo à leitura uma tensão e expectativa próprias desse gênero.

Essa aproximação com a narrativa cinematográfica permite resgatar a visão de Pereira (2009, p. 67) acerca do cinema: “o cinema caracteriza-se pelo simultaneísmo, tanto espacial quanto temporal, fazendo com que a estética cinematográfica resida essencialmente na identificação e posterior emotividade do espectador em relação ao que lhe é projetado na tela.” Isso também é percebido na narrativa em estudo, na medida em que a leitura é direta e fornece imagens precisas, levando o leitor a vivenciar as cenas: “Entre dois caminhões novos, estaciona a velha camionete bege enferrujada. Ajeita a blusa para dentro da calça, passa um pente nos cabelos claros e ondulados, apanha a ordem de cobrança e entra na fábrica.” (MAIA, 2013, p. 18). Nesse fragmento, por exemplo, é possível observar a riqueza da narração, que projeta no leitor imagens precisas (identificação) e gera um clima de expectativa sobre o desdobramento dos fatos (emotividade).

Verifica-se, então, que tal obra também oportuniza reflexões relevantes sobre violência e crueldade por questionar valores e atitudes associados não só ao protagonista mas a toda a sociedade, já que todos participam, mesmo que de maneira indireta, da morte de seres vivos.

A análise permite perceber que os recursos temáticos e formais utilizados possibilitam o questionamento de

aspectos sociais brasileiros. Um dos aspectos que merece destaque tem relação com a conduta ambígua dos protagonistas: apesar de serem assassinos frios, mostram-se sensíveis com relação aos animais, por exemplo, ou quando refletem sobre o desejo de formar família, ter uma vida normal. Isso revela que a atitude dos personagens é moldada pelo seu meio, expostos a desigualdades e poucas condições de mudança de vida, que os levam a sucumbir à malícia e à tirania. Tais traços corroboram a perspectiva de Pellegrini (2004), que afirma que a literatura contemporânea carrega um realismo e um naturalismo mais sombrios, em que são representados e criticados aspectos da sociedade contemporânea, especialmente os relacionados à conduta dos sujeitos.

Uma característica que permeia as duas obras e que gera no leitor uma posição de inquietude é a narrativa pela perspectiva do assassino, em que se percebe que a crítica não se direciona apenas àquele que comete a ação, mas também a toda a sociedade, que molda a conduta desses sujeitos (ambos pobres, sem perspectivas de ascensão, e suscetíveis a cometer crimes), seja pela falta de oportunidades de crescimento, seja por valorizar posturas que não são corretas e até mesmo condutas preconceituosas. Entende-se, assim, que tais romances evidenciam a necessidade de refletir sobre tais práticas tornando-se instrumentos relevantes de denúncia das deficiências da sociedade brasileira, o que é percebido tanto pela temática quanto pelos recursos estéticos explorados pelas autoras nos romances.

Considerações finais

Com base na análise dos dois romances, salienta-se a pertinência dessas narrativas na medida em que expõem violências diretas e indiretas que permeiam a sociedade, questionando condutas não só relativas a

crimes, mas também a questões sociais que moldam os sujeitos, associadas à desigualdade social e falta de oportunidades para uma vida digna.

Isso é verificável ao analisar a postura dos protagonistas, que pertencem a grupos marginalizados e que exploram a violência e a crueldade como forma de ação, uma ferramenta para defender seu papel conquistado na sociedade, ou para fazer o que julgam correto. De qualquer maneira, fica evidente que a exposição a injustiças e à exclusão gera reflexos nos sujeitos, que têm seus juízos de valor distorcidos pelas situações que vivem. Diante disso, expõe-se a importância dessa configuração para a reflexão sobre como a sociedade e a exposição a determinadas condições de vida, de maneira geral, têm um papel decisivo na formação de vida dos indivíduos.

Para revelar tais aspectos acerca da sociedade e da violência existente nela, as autoras utilizam recursos formais que auxiliam na construção de situações de brutalidade, como a fragmentação narrativa, a hibridização, o discurso em que se confunde fala e pensamento etc., traços que podem proporcionar ao leitor a ideia de personagens como sujeitos no limite, constantemente expostos à morte e à crueldade, que os torna fragilizados e confusos, o que se reflete na escrita do texto. Esses recursos formais reforçam a proposição de leitura desenvolvida neste artigo, segundo a qual há estratégias literárias que contribuem para que os dois romances sejam compreendidos como textos que indicam uma contrariedade a vivências de crueldade e violência, contribuindo como ferramentas de denúncia e crítica social.

Também é pertinente apontar a importância do narrador para as obras: embora um seja personagem, revelando a fragmentação e anseios de um assassino, e outro seja observador, narrando os fatos com frieza e rapidez, ambos expõem, de maneiras diferentes, a importância da forma de narração, que pode garantir

o ritmo da narrativa e a empatia do leitor com relação aos personagens. Essa observação é outro elemento que ratifica a identificação dos romances como textos de resistência a contextos hostis, o que aponta para uma perspectiva de que as obras das duas escritoras se assumem também engajadas em um projeto literário de questionamento e não aceitação tácita da realidade conflitiva do contexto social brasileiro.

Estabelecidas aproximações e distanciamentos, cabe ressaltar que os dois romances são importantes para a problematização de circunstâncias reais de violência por revelarem uma face cruel, desigual e egoísta dos sujeitos, em que a morte por causas banais e os crimes como forma de ascensão são realidades recorrentes no contexto contemporâneo brasileiro. O desfecho das histórias dos dois romances acena para a presença de um círculo vicioso da violência bem como para a sua naturalização. Contudo, não se pode entender que os dois livros propõem essa representação para indicar conformidade com a prática de violência; ao contrário, pelos recursos estéticos que expõem, as duas narrativas indicam um olhar crítico e oponente a uma conjuntura social que historicamente se funda pela violência. E, dessa forma, pode-se identificar uma relação harmônica entre conteúdo social das narrativas e escolhas formais, sinal de que os textos se organizam de modo a equilibrar forma e conteúdo, índice de valoração dos textos na perspectiva de uma leitura amparada na Sociologia da Literatura.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. *Textos escolhidos*. 2. ed. Tradução de José Lino Grünnewald et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 269-273.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. 8. ed. Tradução de Maria Zélia Barbosa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 19-62.

_____. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

CALLEGARI, Lizandro Carlos. Uma estética fragmentária: a perspectiva crítica em “Zero” e a organização da linguagem literária. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 13, p. 165-175, 2011.

_____. A história como trauma: representação de guerra em “A rosa do povo”, de Carlos Drummond de Andrade. In: IV Simpósio Roa Bastos de Literatura: Imaginários Bélicos, 2009, Florianópolis. *IV Simpósio Roa Bastos de Literatura*, UFSC, 2009, v. 1, p. 1-12.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Ética e violência. *Teoria e Debate*, ed. 39, out. 1998. Disponível em: <[http://www.](http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/sociedade/etica-e-violencia&page=0,0)

[teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/sociedade/etica-e-violencia&page=0,0](http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/sociedade/etica-e-violencia&page=0,0)>. Acesso em: 29 jul. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. *O matador* de Patrícia Melo: uma abordagem bakhtiniana. *Itinerários*, Araraquara, n. 12, p. 21-31, 1998.

GARBERO, Maria Fernanda. A brutalidade como lugar: os bastardos de Ana Paula Maia. *LL Journal*, Nova York, v. 10, n. 2, 2015.

GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. *Letras*, Santa Maria, n. 18/19, p. 121-144, jan./dez. 1999.

_____. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas: Quaderni di letteratura iberiche e iberoamericane*, Milão, n. 2, p. 199-221, 2012.

MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MELO, Cimara Valim de. *O lugar do romance na literatura contemporânea*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira)–Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MELO, Patrícia. *O Matador*. São Paulo: Rocco, 2009.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 24, p. 15-34, jul./dez. 2004.

PEREIRA, Olga Arantes. Cinema e Literatura: dois sistemas semióticos distintos. *Kaliópe*, São Paulo, ano 5, n. 10, p. 42-69, ago./dez. 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.